

COMÉRCIO INTERNACIONAL NO GOLFO DA GUINÉ¹

Jenito Abreu João Faustino²

RESUMO

O artigo analisa a concorrência dos países do golfo da Guiné, ao constatar as mudanças em novos cenários da transição das atividades industriais à produção de produtos mais inelásticas. Usamos o método descritivo para compreender a posição dos países golfo da Guiné nesse cenário, vimos que os países estariam se deslocando para nova geografia industrial e nova distribuição do capital, mas a nível dos setores de serviços não há ainda um acompanhamento, nos investimentos quanto nas exportações e importações. Deste modo, em primeira instância apresentaremos uma revisão teórica para apurar a observação no golfo da Guiné neste novo cenário, em seguida faremos a análise sobre a situação dos países do golfo. E finalmente analisaremos as condições de inserção internacional nos países.

Palavras-chave: Comércio internacional. Comércio internacional - Promoção - Guiné, Golfo da. Indústrias - Guiné, Golfo da.

ABSTRACT

The article analyzes the factors of international trade that increase or decrease the competition of the Gulf of Guinea countries, observing the changes in new scenarios of the transition from industrial activities to the production of more inelastic products. We use the descriptive method to understand the position of the Gulf of Guinea countries in this scenario, we saw that countries would be moving to new industrial geography and new capital distribution, but at the service sector level there is still no follow-up on investments as well as exports and imports. Thus, in the first instance we will present a theoretical review to refine the observation in the Gulf of Guinea in this new scenario, then we will analyze the situation of the Gulf countries. And finally we will analyze the conditions of international insertion in the countries. Keywords: International Trade, Gulf of Guinea, production sectors.

Keywords: Industries - Guinea, Gulf of. International trade. International trade - Promotion - Guinea, Gulf of.

¹ Trabalho de conclusão de curso, apresentado ao curso de Bacharelado em Relações Internacionais da Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira (UNILAB), Campus dos Malês, sob a orientação da Prof.^a Dr.^a Ivette Tatiana Castilla Carrascal.

² Bacharel em Humanidades e formando em Relações Internacionais pela Universidade Internacional da Integração da Lusofonia Afro-Brasileira (UNILAB).

1 INTRODUÇÃO

O comércio internacional tem conhecido nos últimos anos novos cenários com dimensões mundiais que trazem de volta os debates sobre as vantagens setoriais e a complexidade da produção nas exportações e importações dos países africanos na concorrência do comércio Internacional.

Os países do golfo da Guiné (Angola, Gabão, São Tomé e Príncipe, República do Congo, República Democrática do Congo, Camarões, Togo e Nigéria) têm baixo desempenho industrial, em média 15% representado no PIB (INDEXMUNDI, 2019), as novas estruturas do comércio podem sugerir que estes países em desenvolvimento busquem outras formas de industrialização sem seguir o caminho das economias desenvolvidas, além das novas formas de produção lideradas pela exportação, bens intensivos de mão de obra e novas tecnologias de informação, já têm sido estratégias em países em desenvolvimento, é o caso da África do Sul, Marrocos, Quênia e Etiópia. (BAHMANI-OSKOOEE, 2017).

Desde a década de 80 há uma deslocação de empresas multinacionais dos centros industriais da Europa e nos Estados Unidos³ (*outsourcing*) preferencialmente para o Leste em espaços com menor custo de produção e uma classe média crescente, nos últimos dez anos a participação dos países desenvolvidos na produção industrial caiu 60% para 47%, enquanto que nos países emergentes cresceu de 11% para 27%. Nesse processo há uma redistribuição do capital industrial ocidental e a desindustrialização⁴ (CARROUÉ, 2014) estes cenários têm reformado o mercado internacional a partir da estrutura de produção e se cria uma nova geografia industrial com base na inovação, os setores industriais dão lugar às economias de serviços, tecnologia digital e conhecimento, desde 2017 o mercado de serviços cresceu 60%, embora isso corresponda 26% do comércio global, os serviços ainda fazem parte do valor agregado de 46% dos produtos de bens intermediários. (LUND, 2019). Este fato corrobora com a curva sorridente de Stan Shih (1992), no qual as apostas na produção intangíveis- P&D e nos serviços, traria maior grau de produtividade. (Zhang, 2014) com efeito, serviços da internet por exemplo, na agricultura em África pode aumentar 10% na produtividade, e 65.000 UsD a mais

³ Os Estados Unidos têm uma experiência notável com a deslocação das multinacionais, em 1970 o investimento estrangeiro direto dos EUA constituía 23%, até o período de 2007 esse número cresce para 81%. O peso industrial da Europa entre 1990 a 2010 caiu de 36% a 24% o deslocamento da empresa multinacional constitui principal fator. Ver Alves da Rocha. *A desindustrialização no mundo*, Universidade Católica de Angola, estudo da economia Angolana, 2016.

⁴ O conceito clássico de desindustrialização, redefinido por Tregenna (2009), implica a redução de emprego industrial e o valor adicionado como proporção do emprego e do PIB. Em outras palavras os impactos da redução dos bens intensivos de trabalho e dos bens intensivos de capital no emprego e no PIB. Ver José Luís Oreiro, *Desindustrialização, causas, efeitos e o caso Brasileiro*. Revista economia Política, Junho, 2011.

em produtividade no setor financeiro até 2025, o fluxo das cadeias globais de valores é uma oportunidade para países em desenvolvimento.

Nesse sentido considera-se dois fatores sistêmicos de transformação do comércio internacional; o processo de desindustrialização das economias desenvolvidas para as emergentes, e as descentralização da produção através das cadeias globais de Valores (CGVs) – desde cadeias de suprimentos e cadeias de serviços, (ZHANG, 2014) a participação nestes eventos tem se caracterizado como uma medida para inserção internacional dos países em desenvolvimento, no entanto, os países do golfo da Guiné estariam se integrando para esse tipo de inserção? Outro fator, ainda relacionado a isso, é o apontado por Güzin Erlat (2009), ao analisar a similaridade da estrutura das exportações turcas, considerou que a inserção dos países no comércio Internacional altera de acordo com as parcerias e os sectores de exportação, estariam os países da região do golfo da Guiné se dirigindo para esse fator? Os fatores mais recentes da divisão internacional do trabalho e conseqüentemente do cenário internacional, demonstram como os países do golfo da Guiné em particular estariam especializados em uma vantagem, que os desfavorece na concorrência internacional- devido à falta de manufaturas, e os desfavorece a nível regional- devido a semelhança dos bens de troca e não mais correspondem ao novo padrão de comércio adequados ao novo cenário. Nesse artigo pretende-se compreender como os países do golfo da Guiné estariam se inserindo nos novos cenários do comércio internacional.

Para responder a essa questão deveremos considerar que uma distribuição de capital mundial em regiões e uma difusão da produção industrial, aponta para a criação de novas vantagens comparativas para esses países, (LOPES, 2019) que transformam os setores produtivos e o comércio.

A inserção dos países no comércio internacional deverá seguir com um forte investimento sofisticada com maior cadeia de valor e melhor integração, o continente africano deverá investir 6 trilhões nas próximas duas décadas, ainda deverá ser feito esforços em educação e *know how*⁵, os maiores valores dentre as CGVr estariam essencialmente nas P&D e serviços (Zhang, 2014).

Lafay (1976) diferencia a competitividade internacional em dois níveis; a competitividade global e a competitividade estrutural, enquanto a primeira se relaciona com os preços e os equilíbrios orçamentais, a segunda está relacionada com a estrutura produtiva, na

⁵ De acordo com.

criação de competitividade a partir das cadeias de produção, este último elemento converge com a dinâmica dos países da região e com as demandas globais.

Deste modo iremos buscar compreender as dinâmicas comerciais na região a partir dos seguintes pontos; 1) no primeiro momento abordamos sobre as considerações teóricas e suas premissas sobre a concorrência de países no mercado internacional. 2) no segundo momento iremos apresentar um quadro situacional da região do golfo da Guiné no continente, no qual apresentaremos os desafios emergentes face as demandas do comércio inter-regionais e internacionais 3) no terceiro momento iremos analisar especificamente as condições de concorrência dos países da região do golfo da Guiné, a partir dos investimentos, exportações e importações.

2 ALGUMAS CONSIDERAÇÕES TEÓRICAS SOBRE O COMÉRCIO INTERNACIONAL

O comércio internacional tem conhecido transformações sistêmicas ao longo dos anos, a teoria tradicional tem sido remetida para simplificar uma complexidade de fatores comerciais novos, tais teorias conseguem estabelecer doutrinas e padronização de modelos para o comércio internacional.

Deste modo, se considera neste respaldo contextual os elementos teóricos que permitiram ou condicionaram a inserção de nações ao comércio internacional desde sua fundação, verifica-se a priori, que embora os pensamentos econômicos se sobrepõem contrariamente entre si - O Mercantilismo/Livre comércio, ou conclusões conceituais da vantagens absolutas, as vantagens comparativas, as considerações setoriais de Malthus ou mais tarde a teoria ortodoxa de Heckscher-Ohlin, alguns problemas a nível do comércio internacional parecem ser atemporais e intransigentes.

A Doutrina Mercantilista predominante até o Séc. XVIII, baseado na concentração do capital em posse ao estado; protecionismo alfandegários, promoção da indústria, o pacto colonial, regulamento da economia, a partir desse momento se verifica a valorização das atividades e estratégias nacionais (CASSANO, 2002) e um estímulo às exportações. Pode-se constatar dois movimentos alinhados aos novos cenários, *primeiro* Algumas características do mercantilismo tem ressurgido, os países africanos têm considerado a substituição de importações pelas exportações, arranjando mecanismos tecnológicos para diversificar e transformar a indústria local, e infraestrutura para escoamento de produtos para o comércio

regionais e internacionais, em *segundo lugar* os países em economias desenvolvidas consideram o *self off*, de investimento estrangeiro direto e em carteira, e as políticas de retorno da indústria nacional (*insourcing*).

Enquanto a teoria liberal se preocupam oferecer melhores bens e serviços a famílias, o mercantilismo considera que uma base econômica implica uma base de produção, esses elementos alguns economistas designam um novo mercantilismo em ascensão, com a qualidade da automação a queda do emprego, a queda do peso industrial, é dado por certo, o novo mercantilismo, do mesmo modo os pressupostos mercantilismo parecem serem agora incorporados em novas estratégias de produção nos países médios e em Desenvolvimento.

Uma sucessão de países asiáticos tenta conseguir crescer aos trancos e barrancos por aplicação de diferentes variantes do mercantilismo. Os governos dos países ricos para a mais parte olhou para o outro lado, enquanto o Japão, sul Coreia, Taiwan e China protegeram seus internos, apropriaram-se propriedade”, subsidiou seus produtores, e gerenciou suas moedas (RODRIK, 2013)

Aliás, as teorias neoclássicas do comércio internacional, tem realizado cada vez análise a partir da produção para explicar a concorrência no comércio internacional, considerando neofatoriais (Stern e Maskus, 1981) pensamento clássico do comércio internacional cria uma revolução nos padrões anteriores do modus operandi, mas ainda assim se verifica algumas que alguns elementos se mantêm.

A teoria Clássica baseada no equilíbrio das contas e dos preços nacionais pela quantidade de moeda em circulação inicialmente -William Petty, e o livre comércio no qual Adam Smith aufere que o comércio internacional é melhor organizada pela divisão internacional do trabalho, dois elementos são essenciais: Preço e manufatura, Segundo Smith “ embora um país pobre, não obstante a inferioridade no cultivo das terras, possa, até certo ponto, rivalizar com os países ricos quanto aos baixos preços e à qualidade do trigo, jamais poderá enfrentar a competição no tocante às suas manufaturas” (SMITH, 1776). As vantagens absolutas consideram a concentração da produção em produtos com maior abundância. Seguidamente em 1817, a teoria Ricardiana considerava que a especialização da produção em vantagens comparativas deste modo “gerando excedentes para a exportação - traria um benefício para esse país, já que os ganhos com o comércio lhe permitiria importar os produtos que necessitava e cuja produção interna não era satisfatória” (CASSANO, 2002), a contestação sobre a teoria clássica, sobretudo tem sido amplamente realizadas, estruturalistas como Raúl Prebisch (PREBISCH, 1962, Hans Singer, 1999) criticam os termos de troca do comércio internacionais para países com produtos primários, de 1870 a 1930 os preços desfavorecem

severamente as economias de bens primários, e é tendencialmente crescente a elasticidade desses produtos no mercado internacional.

As importações de produtos “cuja produção local não seja satisfatória”, dentre muitos casos, tem criado dumping Cambial, quanto mais importadores de produtos diferenciados e manufaturados em preços mais baixos nesses países importadores, mais difícil de garantir a diversificação da industrialização local, e assegurar o nível de inflação. Gottfried Haberler (1936) no seu livro *the theory of international trade*, apresenta ainda duas críticas que vem sido colocadas ao pensamento clássico: O “transfer problem”⁶ e a teoria da quantidade da moeda, não se pode ignorar que, ambas as considerações são tão clássicas quanto recentes e tem implicações no comércio internacional e na inserção de países nesse elas estão de certa forma relacionadas pelos fatores de preço e a correspondência com os produtos de troca.

Nesse período de transição, o comércio internacional sobretudo a ruptura da crise de 2008, as questões estão sendo revisadas, com a queda dos bens de capital os países de baixa renda vêm a possibilidade de se desenvolver sem refazer o caminho das economias desenvolvidas, aumentando os bens intensivos de trabalho em produtos comercializáveis, aderindo a infraestrutura e em tecnologia de informação. É ainda nessa transição que voltam as principais considerações teorias do comércio internacional, com a volta do mercantilismo e das considerações clássicas, nesse sentido há um grande debate sobre o padrão do comércio internacional que por anos manteve uma divisão internacional do trabalho com produção de fatores isolados e que determinava os preços, nessa transição aprecia-se a necessidade de se diversificar, produtos, tecnologia, parceiros em cadeias de produção mais complexas.

As teorias neoclássicas Heckscher-Ohlin -Samuelson consideram os fatores de produção, isto é, as vantagens comparativas de fatores, essa teoria fundamenta um mercado de “concorrência perfeita”:

As funções de produção são similares entre as nações envolvidas no comércio internacional, diferentes entre os setores produtivos e apresentam rendimentos constantes de escala (isso implica que a variação na produção é exatamente igual à variação na utilização de todos os insumos); há livre mobilidade dos fatores de produção entre os setores produtivos, mas entre os países não existe livre mobilidade. (MOREIRA, 2012)

Se pode verificar que os fatores de bens intensivos de capital e os bens intensivos de trabalho na produção serão determinantes ao comércio internacional, assim como a articulação

⁶ O transfer problem refere-se a possibilidade de um país obter um superávit em sua balança de pagamento após sanar suas dívidas. Ver J. M. Keynes. *The German Transfer*, *The Economic Journal*, Volume 39, Issue 153, 1 March. 1929.

inter setorial desses fatores, se configurando cada vez mais em uma economia de escala, esses fatores são cruciais para as análises do comércio sobretudo em estratégias de investimentos, das exportações e importações. Segundo o modelo de Heckscher-Ohlin, da teoria neoclássica, a despeito do padrão “terra capital trabalho” os fatores de produção irão determinar comércio internacional, isto é, o incremento de bens intensivos de capital e bens intensivos de trabalho, de maior valor agregado nas atividades produtivas. Um outro modelo pós fatorial é a de Nicholas Kaldor que considera a demanda por produtos exportáveis um elemento crucial, os estudos do comércio internacional têm se baseado em dois elementos: A produção, no qual se verifica uma transformação da estrutura econômica, e na demanda das exportações no qual se favorece a substituição da exportação (ROCHA, 2014) em demandas inter-regionais e globais.

Certamente, o comércio internacional tem se baseado na demanda em detrimento da oferta, a “pressão da demanda” interna na nova geografia industrial cria cada vez mais cadeias de produção e o crescimento do comércio entre as fronteiras, mais as os estímulos à exportação exigem assim a formação da mão de obra local, bens intensivos de capital tecnológico e infraestrutura, e a garantia da propriedade intelectual.

Os últimos estudos do comércio internacional têm focado suas análises empíricas a nível dos setores e em regiões ou países em específicos, essa visão é um dos fatores de concorrência no comércio internacional em transformação e correspondentes aos elementos que criam o padrão de exportação e, portanto, de concorrência no comércio.

3 UM QUADRO DA REGIÃO DO GOLFO DA GUINÉ NO CONTINENTE

As transformações no comércio internacional mobilizam desafios para o desenvolvimento setoriais internos. A região golfo da Guiné composta por 9 países Angola, Congo, Gabão, Nigéria e São Tomé e Príncipe, Camarões, Guiné equatorial, Togo e RDC é institucionalizada pela Comissão do Golfo da Guiné, uma organização criada em 2001⁷, para garantia da segurança marítima, em todo caso, a região produz 70% do petróleo do continente, correspondentes a 52,1 bilhões de barris por dia, as empresas estrangeiras controlam cerca de 90% da produção na região (Zucatto e Batista, 2014). Contudo a dependência no produto tem caracterizado esses países como petro-estados porquanto, a “doença holandesa, se refere ao

⁷ A Comissão do Golfo da Guiné (CCG) é a primeira instituição a nível dos mecanismos africanos de proteção dos mares, fundada em 2001 pelos países ao longo da costa atlântica. Ver: Gaspar, Rita (2017), o papel da comissão do golfo da Guiné na segurança marítima em África.

fluxo massivo de rendas provenientes de recursos naturais, os quais elevam a taxa de câmbio real e os salários”. (CARVALHO, 2018). Em todo caso a concentração em produtos primários ou a questão de segurança- como geralmente são os estudos geopolíticos sobre a região, não confinam a esses países algum determinismo mas pode se dizer que há atualmente uma margem de oportunidades para inserção internacional.

A região tem sido destino geopolítico das grandes potências como China- Principal parceiro comercial e EUA- Principal parceiro económico, financeiro e de segurança estratégica. Após o oriente médio, a corrida energética tem se expandido para a região do golfo da guiné, os países

Considerando a segurança política eleitorais e tensões paramilitares sobretudo, a segurança na região é uma questão tanto local quanto Internacional em ambos os níveis há uma relação direta com a geopolítica energética; A influência poder político implica o controle da economia do Petróleo no Chade (CORDEIRO,2017), a disputa territorial do caso Bakassi entre a Nigéria e Camarões levada à Corte Internacional região rica em petróleo e gás, as disputas entre Angola e os grupos independentistas das FLEC na província de Cabinda - os *offshores* dessa região produzem 60% do petróleo angolano, ainda o caso da disputa entre Guiné equatorial e Gabão na exploração de petróleo na ilha de Mbanié, os conflitos das *fronteiras offshores* são históricos mas apresentam maior componente de interesse energético.

Na medida que se torna evidente o comércio inter-regional se vê a necessidade de integrar as demandas de segurança para a garantia da circulação de bens e serviços transfronteiriças e marítimo, ao mesmo tempo a progressão para a ratificação dos principais tratados de segurança a nível da União africana é relativamente lenta, o tratado de segurança e proteção contra o terrorismo de 1999, e a carta de Lomé para a segurança marítima, proteção e desenvolvimento da África de 2016, uma vez que a pirataria na região tem vindo a superar o estreito de Malaca e o Golfo de Aden, com mais de 33 ataques a navios no primeiro semestre de 2019 (IMB, 2019). Muitas das demandas comerciais agendas de segurança estão a nível de compromissos internacionais. Segundo Carlos Lopes (2019), a reforma política é igualmente necessária para o comércio, isto é, a diversificação da economia deveria acompanhar a diversidade política e agregar o capital social. Apenas nessa região há uma grande diversidade cultural- cerca de 1.062 línguas são faladas na região, investimentos em P&D deverão levar em conta esses elementos. A reforma política apresenta um quadro controverso na região enquanto os países como Angola, São Tomé e Príncipe, Nigéria e República democrática do Congo tiveram eleições pacíficas desde 2016, os países como Camarões e Guiné Equatorial estão entre os países com crises políticas e institucionais.

A nível internacional existe a presença dos Estados Unidos através da AFRICOM criada em 2007, nas palavras de Stephanie Hanson (2007) o Comando naval do Sul tem finalidade específica; A china e o petróleo, a AFRICOM opera em instância bilateral pela Obangana Express junto com mais de 20 países. está presente através das ilhas britânicas ao longo meridiano do Atlântico os interesses comerciais, entre a União Europeia estão no quadro das negociações pós Conotou, o continente é o terceiro maior parceiro comercial do bloco depois da China e os Estados, com superávit de 22,7 bilhões (2016), valor maior que EU-Mercosul, e a UE-ASEAN, contudo, novos trâmites do comércio internacional, apontam para questões mais restritas a produtos e cadeias produção, a despeito da cooperação para o desenvolvimento ou ajuda financeira.

Dentro do continente, a evolução do quadro normativo para o comércio intracontinental é relativamente positiva, embora que se aponta como tardia e em momento crítico, (Campbell ,2019) - a integração africana representa 19%, relativamente menor comparado aos 60% da Europa, e 25% no Sul da Ásia. O acordo de Livre- comércio africano (AFCFTA) se concluído pode se tornar a maior área de livre comércio do mundo, reunindo 8 sub-regiões de todo o Continente, uma população de 1,2 bilhões, contudo algumas implicações estão a nível da estrutura do sector de exportação, um estudo do Afriximbank demonstra que a concentração de exportação em produtos primários e dependência, é o principal desafio do Acordo africano de Livre Comércio AfCFTA, e os países do golfo da Guiné têm os índices mais altos de dependência nas exportações de commodities do continente, em percentagem Angola 93%, Guiné Bissau 88%, Gabão 76%, Nigéria 73%, além do mais as exportações entre os países da região apresenta uma similaridades de produtos sem precedentes, desde 1999 a estrutura de exportações têm crescido em semelhança de exportações de 11-5 para 12-4 em 2016.

As novas transformações teriam impacto no padrão dos preços e no comércio internacional, embora as indústrias sejam ainda um elemento fundamental e as os recursos minerais tenham uma demanda significativa, há maior renda na aplicação da tecnologia, nas novas cadeias de produção e bens e serviços, Segundo Cassano “somente na atualidade é que o comércio de produtos industrializados se caracteriza pela diferenciação tecnológica dos produtos e pelas economias de escala, e não mais pela dotação de fatores.” (CASSANO, 2002, pg 120), nosso estudo para os países do golfo da Guiné se situa exatamente nesta transição, considerando a concentração de fatores de produtos primários que a região se especializa, em um comércio internacional em transformações sistêmicas, um estudo realizado por BAHMANI-OSKOOEE sobre a volatilidade da taxa de câmbio alguns países com a Etiópia e a Serra Leoa tiveram menos impactos das condições do mercado internacional por conta da

inelasticidade de seus produtos em suas importações, a principal causa seria uma economia diversificado com aposta em serviços.

4 ANÁLISE SETORIAL DE INVESTIMENTOS, EXPORTAÇÕES E IMPORTAÇÕES

Os investimentos internacionais tem crescido substancialmente, considerando as cadeias de produção e a busca por economias mais inelásticas, os círculos do produto tem estabelecido estratégias apropriadas a demanda, segundo Reymond Vernon (1979) a introdução de produtos iniciais é tendencialmente realizada em países com baixos custos de produção, e em regiões geográficas mais próximas às economias desenvolvidas desse modo de 2017 a 2018 os investimento nos países desenvolvidos caiu 27%, enquanto que as sub-regiões da Ásia subiram 4%, e embora em África os investimentos tenham crescido 11%, ainda é inferior que América Latina e Caribe. No caso de África, o continente mantém investimento abaixo de 50 milhões a 10 anos, o motivo continua a ser a preponderância de investimento na indústria extrativa e pouca aposta em pequenas economias. (UNCTAD, 2019). O desafio dos países do golfo da Guiné deverá ser a participação em cadeias Globais de Valores (CGVs), considerando que a transição do *gross trade* para comércio de maior valor agregado, é a principal característica de competitividade de um país no comércio internacional.

Segundo a Cofece a sub-região do golfo da Guiné têm um alto risco de investimento, além disso a desaceleração das indústrias e regresso das indústrias (*insourcing*) nos países desenvolvidos, limitam o nível de investimento em países em desenvolvimento é nesse caso, a diminuição do investimento estrangeiro direto e a emergência do investimento em carteira, a concentração de empresas estrangeiras na especialização de Commodities é iminente; as empresas ganham cada vez mais perfil Internacional nesse sentido o investimento e comércio tornam-se complementares nas novas estratégias de investimentos.

Segundo o relatório da UNCTAD (2019) o investimento estrangeiro direto compõe 46% (2018) menor que Caribe e América Latina com 147% com exceção de Congo os países do golfo Guiné recebem um investimento estrangeiro direto de até 1,9 bilhões de dólares, enquanto isso os países como África do Sul, Etiópia, Marrocos, Egito, Congo devem investimentos até 3 bilhões, além disso, estão os investimentos em carteiras, os mercados de Capitais em África, apresentam investimento de 53% no sector financeiro, e 17% em consumo de bens e serviços, 30% em outros setores, os países do golfo da Guiné.

Nesse sentido, podemos realizar a análise inter setorial dos investimentos estrangeiro direto e investimento em bolsas de valores na sub-região, sobre os valores agregados dos fluxos de investimento de entrada e saída; no quadro de capitalização de recursos financeiros fazem parte da Bolsa de Valores Imobiliários da África central BVMAC a República Centro Africana, República do Congo, Gabão, Guiné equatorial e os países da comissão económica e monetária da África Central CEMAC, em 2019 camarões juntou a Bolsa de Douala à BVMAC, Togo faz parte da Bolsa regional dos valores Imobiliários (África ocidental) - nela estão alocadas 49 empresas cotadas, que tem como maiores emissores os países da África Ocidental, as bolsas de valores de Angola (BODIVA) e da Nigéria (NSE) são nacionais, vemos deste modo que as capitalizações em setores financeiros e commodities nas bolsas são maiores que em sectores de bens intensivos de capitais

Quadro 1 - Investimento em bolsas a nível setorial.

<i>Bolsas</i>	<i>Empresas</i>	
	Nacionais	Internacionais
<i>NSE</i>	168	
<i>BODIVA</i>		
<i>BVMAC</i>	3	
<i>BRVM</i>	45	0

Quadro 2 - Setores

	<i>Gás/petróleo</i>	<i>Finanças</i>	<i>Indústria</i>	<i>Serviços</i>	<i>Tecnologias</i>	
<i>NSE</i>	10	56	21	47	5	
<i>BODIVA</i>						
<i>BVMAC</i>		4	4			
<i>BRVM</i>	3	15	9	13	2	

Fonte: ASEA (2019).

Verifica-se que o nível de investimentos é relativamente alto nesse módulo, com um fluxo de empresas nacionais e internacionais, o ponto crucial é perceber que os setores que podem agregar mais valores em investimentos eles são relativamente inferiores, e as dinâmicas de vida de produto-investimento parecem em declínio, isto, partindo do pressuposto de que as Ofertas Públicas Iniciais IPOs ocorre quando uma empresa disponibiliza a primeira oferta em

bolsas de valores para investidores, e o as ofertas Follow-on ocorre quando uma empresa já listada disponibiliza vendas de ações, estas duas transações são importantes para entender os investimentos em carteira, pois um dos desafios da economia na região será manter seguras a relação entre capital especulativo e o capital produtivo (MARTINS, 2008).

O número das Ofertas Públicas Iniciais IPOs é inferior, se comparado aos países do Norte da África cresceram e a África do sul 55% das IPOs, na região do golfo da guiné como NSE e BRVM tiveram apenas 12 IPOs entre 2014 a 2018, esse cenário demonstra a redução de novos investimentos em ações, em contrapartida as ofertas públicas Follow-on (FOs) as empresas de capital aberto no continente são liderados pelas Maurícias seguido da África do Sul, assim como as empresas estrangeiras da Polônia seguido da Romênia e Inglaterra todos no sector financeiro na Johannesburg Stock Exchange (África do Sul). (Pwc, 2018) As FOs nos países do golfo é praticamente inexistente.

Investimento estrangeiro direto (IED)

As Empresas Multinacionais (EMNs) têm considerado alguns fatores de investimento, inicialmente conforme fundamenta Vernon (1979), as fases do ciclo de produtos são baseados na seguinte sequência: Introdução de um novo produto, maturação, padronização e declínio— embora que no momento atual o “novo produto” se confunde, porque as firmas preferencialmente investem em correspondências de suas filiais já alocadas no estrangeiro (CASSANO, 2014). As empresas multinacionais tem influência sobre concorrência internacional dos países, de acordo com Lael Brainard (1993) ao analisar a proximidade—concentração entre as vendas das filiais das multinacionais e o comércio, a autora considera que a concorrência do comércio internacional pode ser equivalente pelo desempenho das multinacionais nos países, mas estudos mais recentes tem apresentado que as estratégias das empresas pode consistir em concentrar cadeias de valor em um país (investimento vertical) e aproximar seus mercados em outros (investimentos horizontal) (OCDE, 2019). Investimentos no mundo caíram 19%, as motivações para esse influxo foram os deslocamentos de Empresas multinacionais para países em desenvolvimento que tem agora 58% dos investimentos do mundo, os declínios foram severos na Europa com queda de 73% dos fluxos. Contudo, as políticas de repatriamento e realocamento das multinacionais já sendo implementadas em grande escala nos Estados Unidos e na Europa, podem ter impacto global.

Contudo, esse ciclo leva em conta os fatores de bens intensivos de mão de obra ou bens intensivos de capital sobretudo os baixos custos de produção, naturalmente os fatores macroeconómicos serão igualmente determinantes no investimento estrangeiro direito, “ tais como tamanho do mercado, déficit fiscal, inflação e regime cambial, além de percepção de

risco, reformas econômicas, liberalização comercial, dotação de recursos naturais, barreiras ao investimento e burocracia” (LACERDA, 2009 apud GARIBALDI, 2001), porém nesse quadro cabe realizar apenas a análise setorial dos fluxos comerciais operados pelas firmas e suas filiais

Nas seguintes tabelas tratamos de analisar o desempenho dos investimentos estrangeiros direto nos países do golfo da Guiné, destacando, e os setores de investimentos, operados pelas firmas e suas filiais inward e outward.

Quadro 3 - Investimentos inward

Países	investimentos inward					
	Exportações			Importações		
	Primário	Secundário	Serviços	Primário	Secundário	Serviços
Nigéria	1.505.925	1.381,087	292,8	79.243,5	2.379,0257	59,3495
Angola	877,119,7	180,3	0	185,5	4.703,6	0
S.Tome	9,5	4,8	0,6	2,8	90	3,1
Camarões	267,7461	932,5	0	186,8	5.885,1	0
Togo	181,7	490,1	0	60,9	1.670,8	0
Gabão	674,9482	902,8	0	48,4	3.317,3	0
Congo	991,594	1.687,6	0	97,3	5.066,477,8	0
RDC	1.215,3	137,271,8	0	129,5	4,685,4	0
Guine	192.363,1	385,4	0	11,5	1.653,4	0

Fonte: Intracen.

Quadro 4 - Investimentos outward

<i>Países</i>	<i>Investimentos outward</i>					
	Exportações			Importações		
	Primário	Secundário	Serviços	Primário	Secundário	Serviços
<i>Nigéria</i>	1.505,925	1.381.087	292,8	79,2435	8.335,763	59,3495
<i>Angola</i>	877,119,7	683,7	0	185,4	48875698	0
<i>S.Tome</i>	9.5	4.7	1.0	2.8	90	3.1
<i>Camarões</i>	448.525,5	932,5	0	186,8	5.285,1	0
<i>Togo</i>	181,7	487.1	0	60,9	1.670,8	0
<i>Gabão</i>	674,9482	902,8	0	48,4	3.317,3	0
<i>Congo</i>	991.594	1.687,6	0	97,3	5.066.4778	0
<i>RDC</i>	1.215,3	137.271,8	0	129,5	4.685,4	0
<i>Guine</i>	192.363,1	385,4	0	11,5	1.653,4	0

Fonte: Intracen (2019)

Conforme os valores apresentados no gráfico verificam-se que em 2015 os países receberam investimentos de até 3 milhões apenas no setor primário, através de cerca de 1.104 filiais nos países região com 793 firmas fora, enquanto isto, e o setor secundário é o mais diversificado ao passo que o sector de serviços é quase ocioso, tanto em investimentos *inward* quanto em *outward*⁸. No setor de serviços aparece alguns índices na Nigéria e em São Tomé e príncipe – sobretudo em finanças e construção. Os países de forma geral têm pouco investimento *outward*, considerando os estoques e o número das firmas – 15 e suas 17 filiais, embora com algum crescimento na Nigéria, Angola e Togo entre 2015 para 2017.

⁸ Os investimentos inward são investimentos.

Quadro 5 - Estoque de investimentos entre 2015 e 2017

Países	Estoque de Investimentos entre 2015 e 2017					
	Estoque inward			Estoque outward		
	2015	2016	2017	2015	2016	2017
Nigéria	89,735.4	94,184.1	97,687.1	11,694.2	12,999.2	14,285.4
Angola	10,224.6	14,329.0	12,074.5	22,386.7	25,134.4	26,776.2
S.Tome	409.5	430.3	444.5	2.5	3.2	3.6
camarões	5,137.6	5,801.3	6,473.8	746.0	707.2	687.2
Togo	1,568.4	1,474.5	1,832.5	1,907.9	2,092.0	2,716.1
Gabão	6,750.3	7,991.3	9,489.3	213.7	259.0	175.3
Congo	25,811.6	27,440.6	27,040.5	85.0	110.4	114.7
RDC	19,982.1	21,186.8	22,527.0	1,992.1	2,264.5	2,556.776
Guiné	13,356.9	13,410.8	13,714.9	2.6	2.6	2.6

Exportações e Importações

O novo cenário demanda cadeias de produção mais complexas, os países do Golfo da Guiné exportaram cerca de 124,48 bilhões e importaram 964,74 bilhões em 2017 os países como Angola, Nigéria, Guiné equatorial apresentam um grau de complexidade em produto abaixo de -2 a nível de África e no mundo, a República democrática do Congo está abaixo -1. Tais

Desde o teorema Hosche-ohlin vários estudos têm considerado a relação entre os bens intensivos de trabalho e os bens intensivos de capital dentre os produtos exportáveis, um progresso nessa linha de análise é a conclusão no paradoxo de Leontief que ao analisar as exportações dos Estados Unidos verificou que embora o país fosse abundante em capital exportava bens intensivos de mão de obra, esse paradoxo demonstra que um países pode exportar bens que não são abundantes, “por inversão de intensidade de fatores, ou por condições da demanda, ou por elevados níveis de proteção, ou pela melhor eficiência” (WILHEMSON, 1989, p. 42 - 44). Nesse sentido o que se demonstra, é que as vantagens de um país podem ser criadas e não necessariamente herdadas.

Ao apresentar os fluxos de exportações e importações pretende-se destacar as relações regionais e extra regional de troca, considerando que as parcerias seriam menos importantes do que as demandas que se firmam na nova geografia industrial global, onde a produção e disponibilidade de serviços sofisticados são fatores de inserção internacional além de observar sobre que bens intensivos agregam esses produtos, se procura entender como o deslocamento

da estrutura produtiva no mudo deveriam guiar as estratégias de exportação e importações dos países do golfo da Guiné .

De acordo com os dados analisados verificou-se a predominância de 5 principais países nas importações dos países na região do golfo da Guiné entre 2017 e 2018, considerando o movimento de bens e capitais, a queda de produtividade que vem transformando a geografia industrial, é crucial entender as parcerias em outras regiões, a partir das condições de produção e/ou suprimento, se verifica que os países do golfo da Guiné têm dirigido suas importações⁹ para a Ásia, as importações vindo da Ásia cresceram 10%, enquanto da Europa 6%, embora que proporcionalmente estão os principais parceiros da região China, Bélgica, França, Holanda, Itália - Considerados parceiros tradicionais. Portanto há uma modificação no modelo gravitacional do comércio internacional considerando que a distância geográfica e a questões de proximidade de valores com os parceiros tradicionais, não prevalecem às demandas de produção. Ao analisar a similaridade por exportações nível do continente entre 1995 a 2016, o nível de concorrência das exportações tem reduzido em países como Angola, Nigéria, República do Congo República democrática do Congo e Togo.

Gráfico 6 - Exportações e importações

Países	1995	2000	2005	2010	2016
Nigéria	12.4	7.7	9.9	10.4	9.2
Angola	15.3	15.5	11.5	6.0	5.4
Gabão	12.8	15.2	17.0	16.6	16.6
S.Tomé	9.4	6.3	7.1	7.5	12.0
Congo	11.1	14.5	16.3	12.5	10.4
RDC	8.2	8.9	11.9	7.7	7.2
Togo	19.4	18.3	16.6	16.6	17.1
Camarões	19.4	20.7	20.5	19.7	20.6
Guiné	4.1	5.1	10.1	10.8	17.1

Fonte: Afriximbank (2018)

⁹ De acordo com os dados do INTRACEN (2018), os primeiros 5 países das importações de cada país da região. **Angola:** China, Portugal, Cingapura, Ir **Camarões:** China, França, Bélgica, Nigéria, Itália **Congo** China França Angola Emiratos Árabes, Bélgica **Nigéria:** China, países baixos, república da Coreia, Bélgica, Estados unidos. **São Tomé e príncipe:** Portugal Angola China, Brasil estados unidos **Togo:** China, Holanda Bélgica república da Coreia, Nigéria **RDC:** China, África do Sul, Zâmbia, Bélgica, Países baixos. **Guiné equatorial:** Espanha, china, estados unidos, Cingapura, França. **Gabão:** França, china Bélgica, Estados unidos, Países Baixos.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O objetivo desse trabalho foi compreender como os países do golfo da guiné estariam inseridos num comércio internacional em transformações sistêmicas a partir da geografia da produção, identificamos como essa transformação é justificada pelas estratégias de investimentos das multinacionais e pelas cadeias globais de valores complexas, que por sua vez, fundamentam novas parcerias entre os países.

Apresentamos algumas considerações teóricas no qual percebe-se que as teorias tem direcionado suas análises para os fatores de produção como medida de inserção internacional, vimos também que a inserção internacional dos países do golfo da guiné deverá considerar a reforma política e segurança, ao descrevermos os fluxos sobre os investimentos, as exportações e importações firmas como atores que tem transformado a geografia produtiva e o comércio internacional, neste caso os dados demonstraram que os países do golfo da guiné têm pouco acesso aos bens intensivos de capital em seus investimentos, as firmas movimentaram mais produtos primários e secundário, há uma relativa escassez de serviços na atividade comercial. Desse modo viu-se a necessidade de se aprofundar ao estudo sobre o processo de transferência de tecnologia em novos cenários da produtividade mundial, que ao certo estariam, mais disponíveis ao longo do processo de descentralização e fragmentação da produção.

REFERÊNCIAS

Ake, Boubakari. *Financial Stock Market and Economic Growth in Developing Countries: The Case of Douala Stock Exchange in Cameroon*. International Journal of Business and Management. April 2010.

Amaral, Do Roberto Paulo. **Uma proposta de arcabouço teórico para análise do comportamento dos investimentos direitos estrangeiros em economias emergentes**
BAHMANI-OSKOOEE, Mohsen, **Exchange-rate Volatility and International Trade Performance: Evidence from 12 African** , MPRA Paper No. 81177, posted 7 September 2017 03:08 UTC.

Coutinho Senra Eduardo, **DE SMITH A PORTER: UM ENSAIO SOBRE AS TEORIAS DE COMÉRCIO EXTERIOR**, ARTIGO – ECONOMIA DE EMPRESAS, setembro, 2005.

CARVALHO, L. José. **Um índice de qualidade de mão-de-obra: uma aplicação do conceito de capital humano**, R. bras. Econ., Rio de Janeiro, 31 (1) :31-43. jan./mar. 19i7.

Carneiro, L. Flávio. **FRAGMENTAÇÃO INTERNACIONAL DA PRODUÇÃO E CADEIAS GLOBAIS DE VALOR**. Instituto de pesquisa econômica aplicada. Brasília. Junho de 2015.

Erlat Güzin. **Export Similarity And Competitiveness: The Case Of Turkey in The EU Market**. Paper presented at EconAnadolu 2009: Anadolu International Conference in Economics June 17-19, 2009, Eskişehir, Turkey.

Gaspar. Rita. **O PAPEL DA COMISSÃO DO GOLFO DA GUINÉ NA SEGURANÇA MARÍTIMA EM ÁFRICA**. Transverso: Revista de história, Rio de Janeiro. n 10, agosto. 2017.

Keesing, D. **Labor skill and the structure of trade in manufactures**. In: P. Kenen & R. Lawrence, eds. *The open economy: essays on international trade and finance*. New York, Columbia University Press, 1968. v. 60.

Lamaj. Jonida. **THE IMPACT OF INTERNATIONAL TRADE AND COMPETITION MARKET ON DEVELOPING COUNTRIES**, joint international conference 2019, Make learn TIIM, 27 Maio.

MoreiraMoreira, Wallace. *Teorias do comércio internacional: um debate sobre a relação entre crescimento econômico e inserção externa*. Revista de Economia Política, vol. 32, nº 2 (127), pp. 213-228, abril-junho/2012.

Marques, Silva, Maria. **Protecionismo dos países desenvolvidos e dívida externa latino-americana**, Rev. Adm. Empres. Rio de Janeiro, 27 (2) 36-47.

Nahanga, Verter, *International Trade: The Position of Africa in Global Merchandise Trade*. Intech, september 2017.

Oreiro, Luís José. **Desindustrialização: conceituação, causas, efeitos e o caso brasileiro***. Revista de Economia Política, vol. 30, nº 2 (118), pp. 219-232, abril-junho/2010.

Ptashkina, Ciuriak, Dan. **The Digital Transformation and the Transformation of International Trade**. International Centre for Trade and Sustainable Development (ICTSD) 7 Chemin de Balexert, 1219 Geneva, Switzerland.

Rodrik, Dani. **The new mercantismo challenge**. Project syndicate. January 9. 2013.
Rocha da Alves, a **desindustrialização do mundo**. Estudos sobre a diversificação da economia angolana, universidade católica, 2014.

RODRIK, Dani. **DEPOIS DO NEOLIBERALISMO, O QUÊ?1, DESENVOLVIMENTO E GLOBALIZAÇÃO** — 277 23 de maio de 2002..

Smith, Adam. **An inquire into the nature and causes of the wealth of nations**. Edwin Cannan, ed., New York, The Modern Library, 1937.

Vines Alex. **Sede de Petróleo Africano Petrolíferas Nacionais Asiáticas na Nigéria e em Angola**. Chatham house, Edição Portuguesa © Royal Institute of International Affairs, Janeiro 2011, ISBN 978 1 86203 246 0.

Zucatto, Esther, Giovanna. **Pirataria no golfo da Guiné.** UFRGSMUN | UFRGS Model United Nations ISSN: 2318-3195 | v.2, 2014| p. 531-565.